



DIÁRIO

República Federativa do Brasil DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XLI — Nº 073

CAPITAL FEDERAL

QUARTA-FEIRA, 13 DE AGOSTO, DE 1986

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 — ATA DA 130ª SESSÃO CONJUNTA, EM 12 DE AGOSTO DE 1986

*Sessão solene destinada a recepcionar o Senhor Júlio Maria Sanguinetti,
Presidente da República Oriental do Uruguai.*

Ata da 130ª Sessão Conjunta, em 12 de agosto de 1986

4ª Sessão Legislativa Ordinária da 47ª Legislatura

Presidência do Sr. José Fragelli

ÀS 10 HORAS, ACHAM-SE PRESENTES OS SRS. SENADORES:

Jorge Kalume — Altevir Leal — Eunice Michiles — Fábio Lucena — Claudionor Roriz — Galvão Modesto — Odacir Soares — Aloysio Chaves — Hélio Gueiros — Alexandre Costa — Américo de Souza — Helvídio Nunes — João Lobo — César Cals — José Lins — Virgílio Távora — Carlos Alberto — Moacyr Duarte — Martins Filho — Amir Gaudêncio — Maurício Leite — José Urbano — Cid Sampaio — Nivaldo Machado — Guilherme Palmeira — Carlos Lyra — Luiz Cavalcante — Albano Franco — Lourival Baptista — Passos Pôrto — Jutahy Magalhães — Alaor Coutinho — Luiz Viana — João Calmon — José Ignácio Ferreira — Nelson Carneiro — Jamil Haddad — Murilo Badaró — Alfredo Campos — Fernando Henrique Cardoso — Severo Gomes — Benedito Ferreira — Gastão Müller — José Fragelli — Marcelo Miranda — Saldanha Derzi — Affonso Camargo — Álvaro Dias — Arno Damiani — Jaison Barreto — Ivan Bonato — Carlos Chiarelli — Octávio Cardoso.

E OS SRS. DEPUTADOS:

Acre

Alércio Dias — PFL; Amílcar de Queiroz — PDS; José Melo — PMDB; Nasser Almeida — PDS; Ruy Lino — PMDB; Wildy Vianna — PMDB.

Amazonas

Carlos Alberto de Carli — PMDB; Josué de Souza — PFL.

Rondônia

Assis Canuto — PFL; Francisco Erse — PFL; Leônidas Rachid — PFL.

Pará

Brabo de Carvalho — PMDB; Domingos Juvenil — PMDB; João Marques — PMDB; Jorge Arbage — PDS.

Maranhão

Edison Lobão — PFL; João Alberto de Souza — PFL; José Burnett — PDS; José Ribamar Machado — PDS; Sarney Filho — PFL.

Piauí

Heráclito Fortes — PMDB; Ludgero Raulino — PDS.

Ceará

Aécio de Borba — PDS; Evandro Ayres de Moura — PFL; Flávio Marcílio — PDS; Leorne Belém — PDS; Lúcio Alcântara — PFL; Marcelo Linhares — PDS; Mauro Sampaio — PMDB; Moysés Pimentel — PMDB; Ossian Araripe — PFL.

Rio Grande do Norte

Agenor Maria — PMDB; Antônio Câmara — PMDB; Vingt Rosado — PMDB.

Paraíba

Juracy Palhano — PDC; Paulo Xavier — PFL.

Pernambuco

Egídio Ferreira Lima — PMDB; Inocêncio Oliveira — PFL; João Carlos de Carli — PDS; Josias Leite — PFL.

Alagoas

Oséas Cardoso.

Sergipe

Francisco Rollemberg — PMDB; Seixas Dória — PMDB.

Bahia

Djalma Bessa — PFL; João Alves — PFL; José Lourenço — PFL; José Penedo — PFL; Prisco Viana — PMDB; Virgildásio de Senna — PMDB.

Espírito Santo

Nyder Barbosa — PMDB; Theodorico Feijó — PFL.

EXPEDIENTE**CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL**

LOURIVAL ZAGONEL DOS SANTOS

Diretor-Geral do Senado Federal

JOSE LUCENA DANTAS

Diretor Executivo

JOÃO DE MORAIS SILVA

Diretor Administrativo

MARIO CESAR PINHEIRO MAIA

Diretor Industrial

PEDRO ALVES RIBEIRO

Diretor Adjunto

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso sob a responsabilidade da Mesa do Senado Federal

ASSINATURAS

Via Superfície:

Anual Cz\$ 92 00

Semestral Cz\$ 46 00

Exemplar Avulso: Cz\$ 0,17

Tiragem: 2.200 exemplares.

Rio de Janeiro

Amaral Netto — PDS; Clemir Ramos — PDT; Daso Coimbra — PMDB; Figueiredo Filho — PDS; Lázaro Carvalho — PFL; Wilmar Palis — PDT.

Minas Gerais

Cássio Gonçalves — PMDB; Christóvam Chiaradia — PFL; Homero Santos — PFL; Humberto Souto — PFL; João Hercúlio — PMDB; José Maria Magalhães — PMDB; José Mendonça de Moraes — PMDB; José Ulisses de Oliveira — PMDB; Juarez Batista — PMDB; Luís Dulci — PT; Melo Freire — PMDB; Pimenta da Veiga — PMDB; Raul Bernardo — PDS; Ronan Tito — PMDB; Vicente Guabiroba — PDS.

São Paulo

Adail Vettorazzo — PDS; Cunha Bueno — PDS; Del Bosco Amaral — PMDB; Flávio Bierrenbach — PMDB; Francisco Amaral — PMDB; Francisco Dias — PMDB; Gastone Righi — PTB; José Genoino — PT; Nelson do Carmo — PTB; Octacílio de Almeida — PMDB; Ulysses Guimarães — PMDB.

Goiás

Brasílio Caiado — PDS; Fernando Cunha — PMDB; Ibsen de Castro — PDS; Iran Saraiva — PMDB; Siqueira Campos — PDC.

Mato Grosso

Bento Porto — PFL; Jonas Pinheiro — PFL; Milton Figueiredo — PMDB; Paulo Nogueira — PMDB.

Mato Grosso do Sul

Harry Amorim — PMDB; Plínio Martins — PMDB; Saulo Queiroz — PFL; Sérgio Cruz — PT; Ubaldo Barém — PDS.

Paraná

Antônio Mazurek — PDS; Antônio Ueno — PFL; Ary Kffuri — PDS; Celso Sabóia — PMDB; Paulo Marques — PMDB; Santos Filho — PFL; Walber Guimarães — PMDB.

Santa Catarina

Cacildo Maldaner — PMDB; Ivo Vanderlinde — PMDB; Nelson Morro — PFL; Odilon Salmoria — PMDB.

Rio Grande do Sul

Amaury Müller — PDT; Erani Müller — PMDB; João Gilberto — PMDB; Jorge Ueque — PMDB; José Fogaça — PMDB; Oly Fachin — PDS; Paulo Mincaronne — PMDB; Pedro Germano — PDS.

Amapá

Geovani Borges — PFL.

Roraima

João Batista Fagundes — PMDB.

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Declaro aberta a sessão destinada a recepcionar Sua Excelência o Senhor Julio Maria Sanguinetti, Presidente da República Oriental do Uruguai, que já se encontra no Edifício do Congresso Nacional.

Para introduzi-lo neste Plenário, designo comissão constituída pelos Líderes dos partidos políticos representados na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, e pelos Presidentes das Comissões de Relações Exteriores das duas Casas do Congresso Nacional. (Pausa.)

(Acompanhado da Comissão designada, dá entrada no Plenário o Senhor Presidente Julio Maria Sanguinetti, ocupando, na Mesa, o lugar que lhe está reservado à direita do Senhor José Fragelli.)

(São executados, nas galerias, os Hinos Nacionais da República Oriental do Uruguai e do Brasil.)

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Cunha Bueno que, em nome da Câmara dos Deputados, saudará Sua Excelência o Senhor Presidente da República Oriental do Uruguai.

O SR. CUNHA BUENO (PDS — SP. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas:

Excelentíssimo Senhor Julio Maria Sanguinetti, Presidente da República Oriental do Uruguai; Exmº Sr. Senador José Fragelli, Presidente do Senado Federal; Exmº Sr. Deputado Ulysses Guimarães, Presidente da Câmara dos Deputados; Exmº Sr. De Sanguinetti; Exmºs Srs. Ministros de Estado; Exmº Sr. Nuncio Apostólico, Decano do Corpo Diplomático; Exmºs Srs. Embaixadores das Nações amigas; Exmºs Srs. Oficiais Gerais; Exmºs Srs. Presidentes dos Tribunais Superiores; demais autoridades presentes, Srºs e Srs.:

Constitui para o Congresso Nacional motivo de especial júbilo e de renovada confiança poder acolher Vossa Excelência nesta visita grata por tantos títulos, que reafirma, no calor da amizade, o espírito de harmonia e boa inteligência vigente no relacionamento entre o Brasil e a República Oriental do Uruguai.

A compreensão mútua lastreada no culto de valores fraternalmente compartilhados, os laços profundos de numerosas tradições comuns, a analogia das crenças nascentes do humanismo que enriquece os povos, a defesa de uma civilização solidária e justa, a identidade de espírito a comandar igual desejo de futuro — tudo isso, Senhor Presidente, faz com que seja sempre fácil e positivo o encontro entre brasileiros e uruguaios.

Dentro dessa moldura, saudá-lo, e à sua ilustre comitiva, é tarefa que cumpro, em nome da Câmara dos Deputados, com especial satisfação, convencido, como estou, do extraordinário significado que tem sua presença entre nós para o fortalecimento e o desenvolvimento das relações bilaterais e para colocá-las no alto nível a que estão inevitavelmente destinadas. Ademais, parece justo realçar a oportunidade que se nos apresenta para poder manifestar, nesta ocasião, nossa admiração pelo grande estadista a quem estão confiados os destinos do Estado Oriental — admiração que se expressa no afeto com que o recebemos —, e prestar, na pessoa de Vossa Excelência, o tributo da nossa profunda simpatia pelo nobre povo uruguaio, tão rico em cultura, virtudes cívicas e impulsos generosos.

Queremos, finalmente, aproveitar sua presença para testemunhar ao Uruguai — país que, com especial satisfação, vemos retomar o ritmo de seu desenvolvimento e de sua forte vocação democrática — nosso empenho em ver expandir-se a cooperação bilateral em todas as áreas, em benefício de nossos povos, que comungam as mesmas aspirações de progresso econômico e justiça social.

Efetivamente, Senhor Presidente, com a compreensão de que neste Continente se forja a história do futuro, acompanhamos, com solidário interesse, a evolução política de seu país, as profundas transformações sócio-econômicas que o Governo de Vossa Excelência, correspondendo às altas aspirações de seus compatriotas, tomou a si a tarefa de empreender.

Sobrelevam, entre todas, como colunas-mestras dessa política superior, a consolidação do regime democrático, a preservação dos valores culturais da Nação, o respeito aos direitos fundamentais do homem e às liberdades civis, a recuperação da economia, o encaminhamento dos problemas vinculados ao endividamento externo, e a firme determinação de garantir a continuidade do processo nacional de desenvolvimento, não obstante as dificuldades conjunturais da crise por que atravessamos.

Condutor supremo de sua Pátria, tem sabido Vossa Excelência, em clima de paz social, dar resposta segura às reivindicações populares, guiando-se pela fidelidade irrestrita aos ideais da nacionalidade e projetando no futuro o sentido essencial de sua trajetória.

Personalidade ligada ao ideário e à obra de José Batllor y Ordóñez — o extraordinário estadista cuja memória cumpro, neste momento, o dever de reverenciar — Vossa Excelência parece ter recebido do destino a missão de continuá-lo no admirável trabalho de revigoramento da vida econômica e de aprimoramento das estruturas sociais de sua grande Pátria.

Assim, ao outorgar-lhe o mais alto mandato, o povo uruguaio reconheceu as notórias qualidades de liderança, a ampla experiência política e administrativa, a permanente devoção aos ideais democráticos, os altos predicados de estadista que ostenta Vossa Excelência, governante que sabe ajustar sua atuação, no cenário da vida na-

cional, com vistas ao atendimento dos grandes anseios populares e ao aprimoramento do pacto social, nas horas agitadas e cheias de esperança que vivemos.

Fundado sobre uma ampla aliança de forças políticas, e francamente comprometido com a redemocratização, o progresso e a justiça social, o Governo de Vossa Excelência, respaldado pela opinião pública e coerente com as tradições nacionais, vem tornando efetivas as potencialidades da Nação uruguaia, imprimindo maior velocidade à escalada do desenvolvimento social, respeitando os valores essenciais que sustentam o homem, acelerando os índices do crescimento econômico, enfim, convertendo promessas em realidade.

Essas diretrizes, que têm origem no próprio cerne da alma coletiva, orientam também a sua ação no plano internacional, voltada para a cooperação e o entendimento.

Constatamos, assim, a total adesão de seu Governo aos ideais, propósitos e princípios consagrados nas Cartas da Organização dos Estados Americanos e das Nações Unidas, e sua devolução irrestrita aos postulados básicos da convivência internacional, vale dizer, a não-intervenção, a igualdade jurídica dos Estados, o direito à autodeterminação, a abstenção da ameaça e do uso da força, a solução pacífica das controvérsias de acordo com o Direito Internacional, a integridade territorial dos Estados.

Sob essa ótica, a política exterior uruguaia, como a brasileira, ao sustentar que a paz não pode ser considerada como mera perpetuação de uma situação internacional injusta, defende a instauração de uma nova ordem mundial que venha a modificar "o panorama da injustiça e assimetria que caracteriza tão profundamente o relacionamento Norte-Sul".

No marco do sistema interamericano, inscreve-se Vossa Excelência entre os estadistas que fizeram da aproximação e colaboração entre os povos do Hemisfério o princípio fundamental da diplomacia, atuando mediante o diálogo permanente, a cooperação franca e igualitária, e a reciprocidade de benefícios para a solução dos problemas comuns e para o progresso harmonioso da comunidade continental.

Apóia-se esse comportamento nas melhores tradições de nossos povos, que têm sabido manter sua unidade essencial, alicerçada, porém, na admissão da diversidade e do respeito mútuo.

Dentro desse marco, é bastante significativa a participação do Uruguai na busca de acordos que garantam a paz e a estabilidade na América Central, esforços que constituem contribuição válida para a obtenção de uma solução pacífica, justa e duradoura para os problemas que afligem aquela conturbada área da geografia continental. Igual ao Brasil, o Governo de Vossa Excelência vem apoiando, de maneira decidida, as ações diplomáticas desenvolvidas pelo chamado Grupo de Contadora, em prol da paz, ao alívio das tensões e do desenvolvimento econômico e social dos países centro-americanos envolvidos naquele cruel conflito não-declarado.

Ao influxo dos ideais de fraternidade, as relações uruguaio-brasileiras, tradicionalmente boas e corretas, têm sabido responder as exigências de nossa condição geográfica, que nos faz vizinhos, e exprimem, com inextinguível clareza e precisão, a comunhão de nossas aspirações.

Além de ser o Uruguai um dos mais importantes parceiros comerciais do Brasil, e de ser significativo o intercâmbio entre os dois países nos diversos campos da atividade humana, o fraterno convívio de nossas populações, sobretudo na faixa da fronteira, reflete o espírito de perfeito entendimento e a crescente integração entre ambas as nações.

No plano das realizações concretas, considerando que o comércio bilateral constitui poderoso instrumento para viabilizar o desenvolvimento econômico entre os dois países, lícito me seja destacar, por oportuno, a disposição do Governo brasileiro no sentido de vir a conceder à República Oriental facilidades para a colocação de produtos uruguaio no mercado brasileiro decisão que, juntamente com outras a serem tomadas pela parte uruguaia, atende aos interesses recíprocos e acrescentará maior fluidez ao intercâmbio entre os dois países.

Permito-me recordar, ainda nesse contexto, a decisão, rica em simbolismo e de incontestáveis repercussões eco-

nômicas, tomada recentemente pelo Governo brasileiro juntamente com o Governo argentino, no sentido de que sejam analisados os procedimentos que permitirão ao Uruguai associar-se aos processos de integração argentino-brasileira.

A visita de Vossa Excelência, Senhor Presidente, no curso da qual estão sendo considerados temas da maior importância e interesse para os dois povos, além de intensificar o diálogo político, em todos os níveis, ensejará a formalização de atos bilaterais de interesse comum, que homologarão, por assim dizer, o entendimento e a cooperação já reinante entre nossos povos. Tais atos, agregados ao quadro institucional vigente e nascidos de criteriosa avaliação das possibilidades de ambos as partes, evidenciam um vasto território de concepções compartilhadas, sobre o qual podemos e devemos expandir e diversificar ainda mais nossas relações mútuas.

Dentre esses documentos, desejo referir-me, de modo especial, aos ajustes complementares ao Acordo Básico de Cooperação Técnica, que implementarão projetos e programas no campo agrícola, de transporte ferroviário, científico e tecnológico e de formação de mão-de-obra.

Procuramos, dessa forma, estabelecer com o Estado Oriental, na perspectiva de uma fraternidade continuamente enriquecida, um crescente processo de intercâmbio e complementação, tecendo, assim, na solidariedade e na confiança, as direções do futuro.

Ainda com este objetivo, estamos realizando esforços conjuntos para a implementação do projeto integrado de desenvolvimento da Lagoa Mirim, empreendimento cujo perfil simboliza "o desejo brasileiro e uruguaio de estreitar os vínculos de amizade que tradicionalmente unem os dois povos e que consideramos um dos imperativos históricos de nossas nacionalidades". Trata-se, efetivamente, de programa da maior envergadura, "por contemplar uma área de grande potencial de crescimento de nossa fronteira".

Na trajetória da aproximação uruguaio-brasileira, ressalta, ainda, para sua relevância, a constituição, a nível diplomático, da Comissão Geral de Coordenação, que representa "um foco efetivo de coordenação e consulta nas variadas áreas do intercâmbio e da cooperação bilateral".

No plano multilateral do sistema interamericano, desejo referir-me às realizações já cumpridas, às iniciativas em andamento e aos projetos em estudo, entre os dois países, no âmbito do Tratado da Bacia do Prata, original instrumento firmado, em 1969, pelos cinco países integrantes da grandiosa bacia hidrográfica, no roteiro da sonhada integração latino-americana, com o objetivo de acelerar o progresso da região, em favor dos interesses comuns e do bem-estar dos povos que a habitam.

Os acordos uruguaio-brasileiros, voltados, pois, para o porvir e marcados pela certeza da unidade indissolúvel que a geografia e a história talharam para nossas pátrias, balizam, desta forma, uma relação madura e visam a uma integração consentida e mutuamente benéfica.

Exemplar tem sido, igualmente, a convivência entre nossas nações no contexto da Associação Latino-Americana de Integração (ALADI), procurando dinamizar os mecanismos da integração regional, bem como, no âmbito do chamado Consenso de Cartagena, grupo do qual a chancelaria uruguaia se desincumbe com Secretaria *pro tempore*, e onde os dois países têm tido posições idênticas sobre questões relacionadas com o endividamento externo.

Por outro lado, o Brasil e o Uruguai estão, como já foi dito, na vanguarda dos países que reivindicam um tratamento adequado, seja para solucionar os problemas que afetam e afligem os países em desenvolvimento, postulando a adoção de medidas eficazes para o desarmamento geral e, em particular, o desarmamento nuclear, sob adequado controle internacional.

Na esteira do compromisso para a manutenção da Paz, defendem os dois países a tese de que o Atlântico Sul deverá ser considerado área de paz e de cooperação, e destacam a importância que têm para a tranquilidade e a segurança mundial os esforços tendentes a concretizar acordos internacionais sobre o controle e a limitação de armas.

Como se vê, Senhor Presidente, a profundidade e a autenticidade dos laços de amizade e as largas avenidas de convergência fazem com que as relações entre nossos países, — que não se esgotam no presente e têm, na visita

de Vossa Excelência ao Brasil um dos seus pontos mais altos — sejam impulsionados pelo desejo de crescente aproximação e representem fator valiosíssimo de paz e progresso para o Continente.

A visita com que nos honra Vossa Excelência nos dá a certeza de que o Estado Oriental continuará, no campo interno, fiel à sua vocação democrática e, no externo, a exercer papel renovador e integracionista, contribuindo, destarte, sob a lúcida liderança de Vossa Excelência, para a unidade latino-americana — ideal que está na base do pensamento jurídico das nações do Continente e responde à vocação de nossos povos, e que constitui, por assim dizer, um imperativo histórico que cabe à nossa geração realizar.

Reconhecemos e valorizamos, na justa medida, o papel do Uruguai no desafio da prosperidade e na consolidação do regime democrático — base do ideário político dos nossos Libertadores e ao qual o Uruguai sempre se manteve fiel.

Com este entendimento, permitido me seja manifestar que a viagem de Vossa Excelência "se insere na perspectiva de uma política coerente de entendimento fraterno, em que avultam valores espirituais e morais que nos são igualmente caros".

Assim, ao apresentar-lhe, e à sua Comitativa, nossas saudações de boas-vindas, rogamos levar a seu país a expressão do profundo respeito e da sincera amizade que o povo brasileiro nutre pelo nobre povo uruguaio, com a certeza de nossa inabalável disposição de favorecer, de maneira positiva, o progresso comum e o desenvolvimento acelerado e solidário dos países latino-americanos.

O Congresso Nacional brasileiro, que reconhece em Vossa Excelência um estadista de grande porte, um destacado líder democrático e um sincero amigo do Brasil, está confiante de que nossos povos, cumprindo as promessas de liberdade e grandeza que estão inscritas nos seus destinos, saberão vencer, em ações conjuntas, os desafios comuns e construir o futuro, consolidando estruturas políticas, sociais e econômicas abertas, fortes e justas.

Bem-vindo, Presidente Julio Maria Sanguinetti. (Muito Bem! Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (José Frágelli) — Concedo a palavra ao nobre Senador José Ignácio Ferreira, que falará pelo Senado da República.

O SR. JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA (PMDB — ES. Pronuncia o seguinte discurso.) — Excelentíssimo Senhor Julio Maria Sanguinetti, Presidente da República Oriental do Uruguai; Excelentíssimo Sr. Senador José Frágelli, Presidente do Senado Federal; Excelentíssimo Deputado Federal Ulysses Guimarães, Presidente da Câmara Federal; Excelentíssimos Srs. Congressistas; Excelentíssima Sr. Sanguinetti; Excelentíssimos Srs. Ministros de Estado, Excelentíssimo Sr. Nuncio Apostólico, Decano do Corpo Diplomático; Excelentíssimos Srs. Embaixadores das nações amigas; Excelentíssimos Srs. Oficiais Gerais; Excelentíssimos Srs. Presidentes dos Tribunais Superiores; Srs. Parlamentares uruguaio e demais ilustres integrantes da comitiva; demais autoridades presentes; minhas Senhoras e meus Senhores:

A presença, no Congresso Nacional brasileiro, do Chefe do Poder Executivo de uma nação irmã, a que nos ligam indissolúveis laços, eternos na geografia e multisseculares na História, somente nos honra e desvanece. Principalmente porque vivemos, o Brasil e o Uruguai, um tempo cheio de experiências comuns de transição política e um tempo de formulação das linhas básicas de um projeto de cooperação e integração política, econômica, social e cultural que não encontra precedentes na história dos nossos dois países.

As nossas tradições comuns são de respeito ao direito das minorias e a autodeterminação dos povos, inspiradoras, há um século da nossa diplomacia com as vozes latino-americanas erguendo-se, enérgicas e decididas nos tribunais internacionais, para defender não apenas a própria soberania, senão o direito de todos os povos, organizados ou não em Estados, à autodeterminação.

Se as três raças que aqui se miscigenaram, formando um tipo étnico que também existe nas Guianas, em Cuba e na América Central, o mestiço alegre, na música esfuante e na inimitável beleza coreográfica das suas danças folclóricas, remanescem, no Brasil, mais de du-

zentos mil silvícolas, respeitados pelo povo e pelo governo da população envolvente, seus costumes e instituições tribais, para que se integrem à civilização ocidental quando lhes pareça.

Vossa Excelência, Senhor Presidente Julio Maria Sanguinetti, vem visitar o Congresso Nacional do Brasil num momento singular da História de nossos dois países. Ambos egressos de um longo período autoritário, vivemos o tempo da liberalização política, das mudanças, da transição efetiva entre a tutela e o autoritarismo do passado e a plenitude democrática que se almeja alcançar no futuro. Advogado com sólida formação humanística, hábil negociador, com rica biografia política a partir de sua primeira eleição para Deputado aos 26 anos, Vossa Excelência é irrecusavelmente um homem preparado para a histórica missão que desempenha: a de condutor dos destinos de seu grande povo pelos caminhos da redemocratização política, social e econômica. Além disso, como diz o poeta, ninguém se perde no caminho de volta. O retorno do Uruguai à democracia, é o resgate de sua própria tradição, que alguma gaveta da História reteve para devolver só agora, nesse reencontro de um povo com o seu destino de liberdade, de justiça e de paz. E sob a inspiração e o estímulo de um passado lúcido, da aura inesquecível de "Suíça da América do Sul", país de riqueza agropecuária, de invejável desenvolvimento social, nível de vida elevado, tradições políticas arraigadas, uma Universidade crítica e poderosamente influente, vai de novo esse grande país ao encontro do seu glorioso e ensolarado futuro.

O Brasil acompanha com simpatia e interesse — porque vive o mesmo tempo de esperança e mudança — as transformações por que passa a grande nação uruguaia. Temos presente a visão da enormidade da tarefa de reconstrução democrática que vamos empreendendo, a partir da convicção de que a questão democrática é a primeira das questões e de que a democracia não é somente um valor cultural e político, mas é um poderoso e insubstituível instrumento assecuratório da estabilidade social, da justiça e da paz duradoura.

Dos tempos da aventura autoritária ficaram-nos muitas seqüelas. Uma delas, entre nós, é a proliferação das siglas partidárias, resultantes da sufocação do debate ideológico, quando os líderes emudecidos do magistério, das classes trabalhadoras e empresariais, do próprio clero, dos movimentos feminista e ecológico, cultivam divergências e dissensões, buscando espaço político, na luta que se trava em torno da eleição do Congresso Nacional Constituinte.

Esse fato é psicossocialmente explicável pela bipolarização entre o direito da força e a força do direito, pelo absentismo e pela sujeição das elites, no regime anterior, conduzindo o povo, na Nova República, a procurar na variedade o milagre da unidade.

Talvez não haja, em todo o mundo, dois partidos comunistas num só país, aceitando, ambos, o jogo democrático, sem qualquer recurso à ilegalidade, nem incentivos à luta de classes.

Essas singularidades — que de nenhum modo parecem desabonadoras — devem existir no Uruguai, onde o autoritarismo militar foi um dos mais duros dentre quantos se implantaram ou continuam a existir no panorama das Américas.

Mas seguramente a pior das seqüelas dos regimes de exceção que se implantaram nesta parte do continente, dentre tantas que ainda nos causam indignação e sofrimento, a pior delas há de ser o confisco, a cidadania, de suas esperanças e de seus sonhos, mas sobretudo de sua enorme capacidade de colaborar com lealdade para a construção do destino coletivo. Porque — e esta é uma grande lição — a força não produz lealdades. A força produz no máximo adesões algemadas, apoios insinceros, respaldados pelo medo ou pelo interesse, mas sem a estabilidade e durabilidade das lealdades verdadeiras.

Hoje, depois da ressurreição democrática, os nossos dois países caminham juntos, cultuando a memória de Juan Antonio Lavalleja e de José Bonifácio de Andrada, patriarcas da Independência dos nossos dois países; buscam o caminho da emancipação econômica atentos os respectivos governos não apenas à solução da dívida interna, à minimização da dívida social e à melhoria das condições de vida do povo, senão também ao problema do endividamento externo e da defesa das nossas expor-

tações contra o dumping e as barreiras alfandegárias dos povos industrializados.

Nesse sentido, Senhor Presidente Júlio María Sanguinetti, não estão unidos apenas os países do Cone Sul, mas todas as nações latino-americanas do Rio Grande ao Cabo Hoorn.

Mais do que em qualquer outro tempo da história de nossos dois países, o Brasil e Uruguai estão se dando as mãos e repensando juntos o papel que lhes é destinado no quadro dos países latino-americanos. Estão repensando o subcontinente latino-americano como a pátria amplificada de todos o que nela se abrigam, vinculados inexoravelmente ao seu destino, identificados pelas mesmas raízes da latinidade e arrostando os mesmos ônus do subdesenvolvimento. Neste ponto sobressai em importância a figura desse notável brasileiro que é o Presidente José Sarney, que já em sua primeira visita como Chefe de Estado — precisamente ao Uruguai, em agosto de 1985 — soube vocalizar esse anseio de harmonização de conveniências e de interesses, de integração multifacetada entre países irmãos e vizinhos. E com a recente assinatura de "Ata de Integração" e dos protocolos que a instrumentalizaram foi na prática iniciado o projeto de integração Brasil-Argentino, ao qual se somará concretamente o Uruguai, na formação desse núcleo básico da construção de um espaço econômico destinado a elastecer-se até alcançar a realidade objetivada de um mercado comum latino-americano e a liberação econômica do subcontinente.

É certo que esse "programa de integração e cooperação econômica", assinado originalmente pelos governos do Brasil e da Argentina, não se constitui em tentativa original de integração econômica da América Latina. A história registra, na retaguarda do esforço de hoje, desde acordos bilaterais entre países do subcontinente, passando pela criação da ALALC (Associação Latino-Americana para o Livre Comércio), em 1960, até a sua substituição, em 1980, pela ALADI (Associação Latino-Americana de Integração). Mas é seguramente este, como disse o Presidente Sarney, em discurso dia 30 último, em Buenos Aires.

"Um projeto inédito nos anais da experiência histórica dos países em desenvolvimento" em que está sendo lançada "com lucidez, a base sólida para a construção de um espaço econômico maior que pela sua pujança e dinamismo, venha a eliminar a pobreza de nossas terras e contribua para unir a América Latina em seu destino de paz e progresso".

Nesse contexto — e como um enorme complicador que pode inviabilizar sempre qualquer esforço de liberação econômica, emerge terrível a problemática da dívida externa de cada um dos Estados soberanos desta parte do planeta.

Quando desta tribuna, em 1983, abordamos a atualidade de Bolívar, no ensejo das comemorações do bicentário de seu nascimento, dizíamos que há mais de século e meio, quando viveu a sua epopéia, Simón Bolívar não se dava conta das transformações do capitalismo que se seguiriam à revolução industrial em curso no século passado. E embora tenha chegado a temer a frustração de sua luta revolucionária, pela ressaca colonialista sobre os países politicamente libertos, Bolívar estava longe de antever as novas e sofisticadas formas de dominação destinadas a manter na dependência os países periféricos.

E entre as mais diabólicas e perversas formas de comportamento dos países de economia de centro, alinham-se o uso do instrumental de controle dos preços dos produtos primários e as flutuações da *libor* e da *prime rate*, que orientam a oscilação dos juros no mercado internacional. No primeiro caso, controlado o preço dos produtos primários nas bolsas de Londres e de Nova Iorque, os nossos parceiros de trocas podem manipular tais preços sempre em desfavor da economia do país periférico. O resultado é que, perdendo sempre na relação de trocas, o país periférico tem também sempre ampliado seu saldo negativo na balança comercial. No caso dos juros dos nossos empréstimos externos, estes se traduzem por percentuais sobre o principal da dívida, mas acima da *libor* ou *prime rate* que são taxas flutuantes teoricamente fixadas pelo mercado. Na prática os nossos credores internacionais fazem oscilar como querem esses índi-

ces, a partir do controle direto ou indireto dos mecanismos da economia.

Enquanto os povos europeus e asiáticos vivem o peso do holocausto nuclear e Estados do hemisfério norte não conseguem conter a compulsão do armamentismo, os países endividados da periferia convivem com o gigantesco holocausto de populações inteiras brutalizadas pela fome crônica, pelas doenças e pela miséria, sem horizontes e sem esperança.

Vinculando o desenvolvimento dos países do terceiro mundo, pura e simplesmente à prosperidade dos países do Norte, a economia mundial chegou a um impasse. Essa ordem econômica não é irracional (até porque exhibe a lógica sinistra de uma nova forma de dominação), mas é perversa. E afinal é inconsequente, porque produziu um tão formidável caos econômico na maioria dos países periféricos que a solução para as crises do Norte passa pela solução das crises do Sul. E tudo conduz os países de economia periférica do hemisfério sul à busca de suas próprias vias de desenvolvimento.

A transferência líquida de recursos latino-americanos para o exterior por decorrência de sua enorme dívida externa, alcançou 31 bilhões de dólares em 1983, depois 26 bilhões em 1984, 30 bilhões no ano passado e estima-se 38 bilhões este ano. Assim, nos últimos 4 anos, a transferência acumulada de recursos financeiros drenados da América Latina totalizará mais de 100 bilhões de dólares, representando cerca de 1/3 da dívida total do continente. Em contraposição, os investimentos internos foram fortemente reduzidos. Caíram 14 e 19%, respectivamente, em 1982 e 1983, tendo em 1984 declinado a 30% em relação ao início da década. Isto sem falar no constante aviltamento do preço de nossos produtos no mercado internacional e a intensificação do protecionismo pelos principais países desenvolvidos, com a conseqüente deterioração do sistema multilateral de comércio, cujo fortalecimento é condição indispensável para a retomada do processo de liberalização comercial.

Temos que encarar a realidade. Nas circunstâncias peculiaríssimas que cercam a nossa dívida externa, cada bilhão de dólares que pagamos de juros significa um verdadeiro holocausto para populações inteiras. Estamos exportando a preços aviltados o alimento que falta à mesa de nosso povo. E ainda assim fica cada vez mais difícil para a América Latina gerar saldos comerciais para pagamento de suas contas, em face do crescente protecionismo.

Sr. Presidente, Uruguai e Brasil caminham juntos nesta quadra histórica em que a América Latina começa a voltar-se para si, ansiosa por vencer os séculos de seu atraso, de sua pobreza e de sua desesperança. Tudo contribui para que mais e mais se aproximem nossos dois países. Desde a nossa profunda identidade, na luta pela liberdade e pela democracia representativa, à caminhada comum na consecução da plenitude desses valores. Nos identifica até mesmo a angústia de nossos povos, vítimas da injustiça estrutural do nosso endividamento externo e das nossas relações de comércio. Nas palavras do Presidente Sarney, em solo uruguaio, "precisamos criar uma nova ordem econômica internacional capaz de gerar momentos de prosperidade e novas perspectivas para nossos países. Precisamos criar cada vez mais vínculos de identidade e de solidariedade. Precisamos reagir contra a baixa cada vez maior dos preços de nossos produtos exportáveis e as barreiras protecionistas que nos condenam a uma dependência vergonhosa e à paralisia e liquidação de nossos parques produtivos. Precisamos ficar em defesa contra a elevação unilateral dos juros que nos punem sem remissão".

Senhor Presidente Julio Maria Sanguinetti:

O Congresso Nacional do Brasil recebe V. Ex^a, como respeitável aliado nas lutas pela construção dessa nova ordem e pela integração dos povos da latinidade americana. Recebe-o também como estadista de firme determinação e coragem, que administra com lucidez e talento a transição política que se processa em seu país, no rumo da plenitude democrática. E expressa, neste ensejo, a V. Ex^a os agradecimentos que alcançam todo o altivo e operoso povo uruguaio, cuja solidariedade e cooperação são absolutamente necessárias à construção de uma nova ordem econômica internacional e de uma Nova América. (Muito bem! Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Cabe-me a honra de conceder a palavra ao Excelentíssimo Senhor Presidente Julio Maria Sanguinetti. (Palmas.)

O SR. JULIO MARIA SANGUINETTI (Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente do Senado Federal, José Fragelli; Sr. Presidente da Câmara Federal, Ulysses Guimarães; Srs. Congressistas, Senhoras e Senhores:

Vou expressar perante todos a honra e a alegria que sinto como Presidente da República Oriental do Uruguai de estar esta manhã aqui, neste Congresso brasileiro, representativo da soberania popular deste País, representativo desta diversidade maravilhosa que é o Brasil, desta diversidade cultural, política, econômica que representa este universo brasileiro, mantido, sem dúvida, desde os tempos coloniais com um exemplar espírito de unidade baseado no espírito da tolerância e da conciliação, ao qual sempre tributou o povo brasileiro que encontrou, na tolerância e na conciliação, a razão de sua História e não através das disputas, porque a História do Brasil é a grande demonstração dessa soberania, dessa sabedoria, desse sentimento com o qual esta América lusitana manteve a sua unidade, enquanto a nossa América hispânica fragmentava-se pelas divisões. Feito histórico que está hoje representado em nossa soberania, feito histórico, sem dúvida, que estamos superando em seu aspecto negativo com este novo espírito de unidade que forja a nossa América Latina, na comunidade de seu destino, na comunidade dos seus ideais e na consciência de que o processo de integração e o processo de democratização são duas faces de uma mesma moeda, são dois aspectos intimamente identificados. (Palmas.)

Não podemos falar de um processo de democratização efetivo na América Latina sem consolidar a integração, porque, teoricamente, poderia não ser assim, poderíamos as democracias sobreviver à fragmentação. Sem dúvida, este é julgamento teórico desmentido pela História. É preciso que as internacionais autoritárias de qualquer signo que sejam, se oponham à unidade do verdadeiro espírito internacional da democracia e da liberdade. As democracias são frágeis. As democracias são fortes no espírito do povo; são frágeis como estruturas frente a essas internacionais autoritárias.

Vimos, então, que nossas democracias devem, necessariamente, encontrar na integração o espaço e o sustento necessários para que elas possam consolidar-se definitivamente.

Do mesmo modo podemos imaginar a integração sim, numa comunidade de ideais; podemos, realmente, pensar que o processo de integração que estamos construindo será possível sobre a base da diferença ideológica, sobre a base da crença em valores distintos do espírito humano. Naturalmente, isto não supõe em arrasar com os matizes, nem com as diferenças, nem supor, tampouco, a diferença de tonalidade dos governos. Porém, supõe, sim, em troca, uma identidade comum, e nesse sentimento democrático entendido, não simplesmente como uma arquitetura de instituições jurídicas e políticas e sim como um modo de vida e uma filosofia assentada na dignidade do homem, assentada na liberdade de credos e de crenças, assentada na liberdade de expressão política, assentada no reconhecimento ao pluralismo político interno, sem restrições para construir, assim, realmente, uma sociedade na qual sintamos todos que o sol nasce todos os dias para todos. (Palmas prolongadas.)

Sr. Presidente, então, democracia é integração; dois verbos que devem ser conjugados juntos. São dois verbos que temos que conjugar de um modo paralelo, para significar, realmente o sinal do nosso tempo. Por isso, vimos aqui para expressar ao Brasil, a expressar ao Parlamento brasileiro, primeiro, nosso reconhecimento pela visita que recebemos, em agosto do ano passado, do Presidente José Sarney, do seu Governo, de V. Ex^a mesmo, Sr. Presidente José Fragelli e de muito dos Srs. Congressistas que, naquele momento, nos honraram com a sua visita. Era a primeira saída ao exterior do Presidente do Brasil, do novo Presidente da Nova República.

Para nós foi uma grande honra que essa primeira visita fosse ao Uruguai. Mas creio que isso teve, mais do que uma significação política, porque marcou já um roteiro, não era simplesmente um ato casual, que o Presidente do Brasil visitava um país da América Latina, e que visitava a um dos menores países da América do Sul, porque isso

mostrava o começo de uma política latino-americanista e de uma política de respeito à soberania de todos os países da América Latina. E isso, nós os uruguaios reconhecemos e apreciamos.

Vimos testemunhar aqui, nesta ocasião, com uma delegação que, quero sublinhar a este Congresso, representa todo o meu País.

Não está aqui representado somente o titular do Poder Executivo e seus Ministros; está também representado o Parlamento do meu País, através de homens de todas as tendências; está também representada a Justiça, através de um Ministro integrante da Suprema Corte. Estão representados aqui os três Poderes do Governo, e também todas as tendências e correntes de opinião que compõem o espectro político do País. Estão também, junto aos representantes do Estado, os representantes da indústria, do comércio e da produção agropecuária do nosso país, que aqui vimos todos para dizer que esta afirmação de democracia e de integração, e que este processo de relação com o Brasil não é um acontecimento casual nem uma política de ocasião e nem uma definição de partido, senão, ao contrário, uma vontade nacional que queremos testemunhar a V. Ex^a, para assegurar a continuidade e para que não seja simplesmente este apenas um momento de íntima ligação, mas sim que isso se prenda, se fixe, se afirme e se consolide, e possamos projetar as gerações futuras dizendo que se a América viveu um dia a fragmentação, hoje vive novamente a reciclagem dessas partículas que têm ocupado todo esse espaço cultural e que voltam a reencontrar-se com as raízes mesmas de sua História, para construir o futuro. (Palmas.)

Sr. Presidente, estamos aqui, os uruguaios, para expressar isso, para expressar como o Uruguai aprecia essa posição que o Brasil definiu, para reconhecer sua atitude latino-americanista, para dizer a V. Ex^a que nós, nesse contexto, estamos dispostos a seguir avante.

Recordo-me que nas Nações Unidas, disse o Presidente José Sarney: “não devemos ser prisioneiros das grandes potências e tampouco devemos ser escravos dos conflitos menores”.

Creio que essa frase encerra uma grande verdade e uma determinação: devemos fazer uma afirmação própria para não sermos prisioneiros de nenhum grande poder da terra, tampouco sermos escravos de nossos pequenos conflitos, de nossos egoísmos, de nossos prejuízos, de nossas manifestações de interesses que muitas vezes separam aqueles que deveriam andar juntos. Não devemos deixar ocorrer um antagonismo entre a agropecuária brasileira e a uruguaia; e nem entre a indústria brasileira e a uruguaia porque isso não existe.

V. Ex^a, Sr. Presidente, que conhece a agropecuária, que é de um Estado agropecuario, como é o Estado de Mato Grosso, sabe muito bem que o produtor agropecuario, para desenvolver-se precisa de estabilidade, que nada é mais danoso ao produtor agropecuario, seja brasileiro ou uruguaio, do que as oscilações, do que a instabilidade dos mercados, do que estar sujeito a uma subida brusca ou a uma queda, em que no momento de escassez, às vezes quem vende, não vende bem e quem compra não compra bem porque isso cai nas mãos da especulação e não da produção. (Palmas.)

Então, devemos estabelecer um relacionamento permanente entre essas estruturas agrárias, para que cresçam juntas, para que se adaptem à tecnologia juntas, para que cheguemos, naturalmente, aos mercados com um conceito de equilíbrio e não seja isso simplesmente algo ocasional. Às indústrias do mesmo modo.

Sr. Presidente da Câmara, V. Ex^a que representa a zona de maior potencialidade industrial da nossa América Latina, a qual admiramos por tudo que ela significa. E por tudo que tem feito, sabe muito bem o que a indústria brasileira requer para que a vanguarda tecnológica possa manter-se cada vez maior. Hoje mesmo essa indústria tem que enfrentar a indústria de países desenvolvidos que não compreendem sempre a necessidade que temos, nós outros, de afirmar a nossa própria tecnologia e de poder chegar a ela. Hoje não é a hora pela qual estamos lutando para dar ao nosso trabalhador como nos primeiros anos do século, as condições mínimas de segurança? A etapa da legislação social na indústria já passou. Não somos hoje nenhum de nossos países exportadores de miséria, como às vezes é exibido, porque haverá pobreza em nossos países, porém, essa pobreza não está no trabalhador da indústria que vai obtendo cada vez

melhores níveis salariais. O problema é que a esse trabalhador industrial, teremos que só lhe assegurar trabalho e uma vida melhor, e para isso teremos que ter empresas mais prósperas. E para que as empresas sejam mais prósperas, devem ser mais eficientes, e para serem mais eficientes, terão que ter melhor tecnologia; e para poder pagar essa melhor tecnologia, requerem um mercado amplo, um mercado seguro e um mercado estável que temos o dever de formar, prover e de dar-lhes. (Palmas.)

Não podemos, então, imaginar que a indústria, a agropecuária ou o comércio, possam desenvolver-se em desarmonia. Temos que trabalhar em tudo isso, e estamos trabalhando.

No mês de agosto firmamos, em Montevideu com o Presidente José Sarney uma série de acordos. Relançamos, sem nenhuma dúvida, um processo de integração. Podemos dizer, um ano após, que esse comércio aumentou ao redor de 40%. Hoje, estamos discutindo e amanhã, seguramente, firmaremos novos acordos que irão lançar a uma expansão muito maior, a uma expansão equilibrada, feita com realismo, com prudência, com audácia e, ao mesmo tempo, porque estamos buscando realmente, novos caminhos e novos processos de integração.

Creio, que este é o momento no qual todos devemos sentir que estamos vencendo os egoísmos. E que somente vencendo os egoísmos é que realmente vamos poder dar a resposta que nossos povos hoje reclamam.

Sr. Presidente, estou certo de que esses acordos nos permitirão em pouco tempo alcançar uma duplicação das nossas possibilidades atuais de comércio. E que isso ocorrerá engrandecendo a todos. Não teremos complexos sem a integração. Por isso localizados geograficamente entre o Brasil e a Argentina, sentimos por igual, ambos povos irmãos e sentimos que velhas rivalidades ou prejuízos estão sendo superados. Para nós foi um dia feliz aquele em que há poucos dias Brasil e Argentina firmaram novos acordos. Não seremos completos sem a integração. Por quê? Porque creio que os países para conquistarem o amanhã, devem enterrar os fantasmas do passado. Este é o único modo de dormir tranquilos, de poder sonhar para o futuro. E esse ato de fé, do qual nós outros participamos também, integrados nesse mesmo espírito, nos deu uma grande alegria. Nós seguimos, tanto o Brasil, como a Argentina, com esses acordos, porque sabemos que só vamos crescer juntos porque somos vizinhos e por isso somos sócios naturais, e que nesta área atlântica podemos, sem dúvida, fazer surgir um espaço que vá vigorizando, também, o conjunto dessa integração da América Latina.

Sr. Presidente, este é o testemunho que queremos deixar aqui; é um testemunho de vontade e de fé, é um testemunho de respeito e admiração, que todos os partidos do Brasil, sem exceção, estão fazendo. E todos os Srs. Congressistas estão fazendo. Faz um ano, participei aqui, neste mesmo Congresso, daqueles momentos conturbados e difíceis em que nascia esta Nova República com todos os ventos contra, com todas as adversidades que pareciam conjurar a natureza de encontro a ela. Sem dúvida, hoje vemos um País estabilizado, um País em marcha, partidos que se vão organizando e reorganizando, líderes que vão surgindo, voltados novamente à paixão política, de um modo sadio e positivo. Um Brasil novamente confiando em seu futuro, um País ao qual todos os Srs., os líderes atuais deste Brasil lhe dão de volta novamente fé, esperança e tranquilidade. Acreditando que a crença de que a democracia, se nada por tanta desgraça no momento de nascer ia ser o caminho da instabilidade. Distante, vejo, tem sido uma antevenida, tem sido uma nova estabilidade para o País, a mais formosa, porque não é estabilidade imposta, senão que uma estabilidade consentida, a estabilidade que não nasce simplesmente da aplicação da autoridade, senão que a estabilidade que nasce de um consenso de gente que diverge, mas que se respeita e que assim está realmente dando um magnífico espetáculo que queremos reconhecer aqui, neste momento.

Sr. Presidente, com esta admiração, com o respeito para essa história plena de tolerância, para este futuro que vemos neste cenário de Brasília, para esse futuro do ano 2.000, que o Brasil mostra em suas ruas e pela audácia de seus artistas e construtores políticos, rendemos nossas homenagens e apresentamos nosso testemunho e vontade deste Uruguai de hoje, afirmado em seus velhos

valores de sempre, afirmado nos valores Artiguistas, de uma soberania própria, livremente integrada à uma associação harmônica com as demais repúblicas do Continente, de um Uruguai afirmado na liberdade, e na crença de que a liberdade a ninguém ofende, nada teme, e que diz a todos os seus amigos que quer crescer com eles, que quer integrar-se junto a eles, para que ninguém sinta que nossa integração seja uma conspiração contra alguém, *senão, pelo contrário, é uma vontade de afirmação nossa e própria, um ato de fé e não um ato de ressentimento.*

Muito obrigado. (Muito bem! Palmas prolongadas.)

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Excelentíssimo Senhor Julio María Sanguinetti, Presidente da República Oriental do Uruguai, Excelentíssimo Senhor Deputado Ulysses Guimarães, Presidente da Câmara dos Deputados, Excelentíssima Senhora Sanguinetti, Senhores Ministros de Estado, Excelentíssimo Senhor Núncio Apostólico Decano do Corpo Diplomático, Senhores Embaixadores das Nações Amigas, Excelentíssimos Senhores Oficiais-Generais e Senhores Presidentes dos Tribunais Superiores, demais autoridades presentes, minhas senhoras e meus senhores.

Estou consciente de que é uma temeridade dizer de improviso mesmo algumas poucas palavras, justamente ao lado de um dos mais primorosos oradores que tenho ouvido que é o Senhor Presidente Julio María Sanguinetti.

Estamos aqui, Senhor Presidente, rendendo um preito de velha e querida admiração pela Nação e pelo povo uruguaios. Conhecemos a sua longa história, a sua luta, primeiro pela independência do País e, depois, perseguindo sempre os caminhos da liberdade e da democracia, em quase um século de embates após a sua independência.

Causa realmente uma profunda impressão em todos aqueles que dão, pelo menos, uma vista d'olhos na História do Uruguai, como no cadinho de tantas lutas aquela Nação, pequena, pôde sobreviver a trágicos acontecimentos progredindo de uma maneira que causa até mesmo estupefação e justamente durante os dias trepidantes em que as lutas político-partidárias agitavam a Nação e o seu povo. Mesmo durante a chamada Grande Guerra, o Uruguai prosperou de uma maneira que causa, como disse, a mais profunda admiração. Progrediu em todos os sentidos. Progrediu materialmente, espiritualmente e culturalmente, formando a sua Capital, a então modesta cidade de Montevideu, um dos centros culturais mais ati-

vos de toda a América Latina. No meio de todas essas lutas, o Uruguai chegou até o fim do século passado, e, em poucos anos, soube reerguer-se para se tornar não apenas uma democracia exemplar na América Latina, mas também uma pequena e próspera Nação que mereceu, à época, ser chamada de a Suíça latinoamericana. (Palmas.)

Nossos dois países, Sr. Presidente, têm contado, no curso de sua história, justamente períodos como este: de ascensão e de quedas. Mas, o admirável é que os nossos povos têm sabido vencer os fracassos para se soerguer e construir duas nações que, sem dúvida nenhuma, se impõem ao respeito de todos os povos. Nós também tivemos períodos áureos e, depois, experimentamos, também, épocas de difícil transição econômica e social. Tivemos um milagre brasileiro, há poucos anos. Hoje, nos encontramos numa situação que eu qualifico de difícil apenas financeiramente, mas não social e economicamente, embora seja esta uma fase de transição que merece, da parte de todos os brasileiros, principalmente de seus líderes responsáveis, a melhor atenção, a firmeza de atitudes, a prática de um verdadeiro patriotismo. O Uruguai, também, depois de seu período áureo, de ser a Suíça latino-americana, encontra-se, hoje, nas dificuldades que são comuns a todos os países latino-americanos, as chamadas nações do Terceiro Mundo, isso é, sem dúvida também, consequência das mudanças que se têm verificado entre as nações, como se verifica a mudança em cada pessoa humana através do tempo. O Uruguai tem um eminente, entre os muitos eminentes publicistas, filósofos e escritores, tem José Henrique Rodo que, na obra "Motivos de Proteus", ele diz que o tempo é o insumo inovador sobre as almas, como sobre as coisas. Sobre as almas das pessoas e sobre as coisas — e entre estas, eu diria que estão as nações. As mudanças têm sido grandes em todo mundo. Diz ele ainda que nós só perseveramos na continuidade das nossas modificações, na ordem mais ou menos regular que aí rege, na força que nos leva para diante e para cima, *hasta arriba*, na expressão muito significativa da língua espanhola. Nós que passamos por estes momentos áureos e de fracassos intermitentes, o que precisamos é, como disse V.Ex^a, nos unirmos hoje na certeza e na compreensão de que poderemos vencer as nossas dificuldades, justamente através de dois processos: do processo político da democracia e do processo econômico e social da integração entre todas as nações latino-americanas, pelo menos.

Esse início foi dado desde o ano passado, quando o Presidente José Sarney visitou o Uruguai. Teve continuidade, também, na visita de Sua Excelência ao Presidente Alfonsín, com a presença de Vossa Excelência. E o que nós queremos é justamente que uma iniciativa tão feliz não venha a sofrer daqui por diante nenhuma solução de continuidade. Justamente na firmeza dos nossos líderes do Uruguai, da Argentina e do Brasil é que repousa todo o futuro dessa iniciativa, de firmeza nos propósitos, de desambição, como Vossa Excelência bem registrou, na compreensão de que devemos formar realmente um mercado comum latino-americano, como o que se formou na Europa. E achamos que isto, não obstante às conhecidas deficiências de nossa economia, poderá ser, por outro lado, compensada justamente pela unidade dos nossos povos que têm uma origem comum na Espanha e em Portugal, numa unidade de línguas, de idéias e de ideais. Assim unidos, sem dúvida nenhuma, superando quaisquer divergências, transigindo nos seus interesses, fazendo-os não conflitantes, mas interesses comuns, é que chegaremos a essa meta a que agora se propõem esses três grandes Presidentes, do que eu poderia chamar da Região Platina.

Há um escritor francês, Jacques Lambert, que lembra que existe 3 regiões na América do Sul: Andina, Platina e o Brasil. Mas o Brasil também pertence à Região Platina. E queremos que, justamente dessa Região Platina: do Uruguai, da Argentina e do Brasil, através dos seus três grandes Presidentes do momento, comece e não deixe de ser concluído, num futuro tão próximo quanto possível, a completa integração política, econômica e social de toda à América Latina. (Palmas)

Com esse espírito nós o recebemos, Senhor Presidente, e com essa vontade nós o saudamos aqui no Congresso Nacional. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Ao encerrar a sessão, a Presidência agradece a presença das autoridades civis, militares, diplomáticas e eclesiásticas, convidando-as para um coquetel no salão nobre da Câmara dos Deputados, onde Sua Excelência o Senhor Presidente da República Oriental do Uruguai receberá os cumprimentos.

Solicito à Comissão que introduziu nosso ilustre visitante neste plenário que acompanhe Sua Excelência até aquele local.

Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 11 horas e 45 minutos.)

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

PREÇO DE ASSINATURA

(Inclusa as despesas de correio)

SEÇÃO I (Câmara dos Deputados)

VIA-SUPERFÍCIE

Anual	Cz\$ 116,00
Semestral	Cz\$ 58,00
Exemplar Avulso	Cz\$ 0,17

SEÇÃO II (Senado Federal)

VIA-SUPERFÍCIE

Anual	Cz\$ 92,00
Semestral	Cz\$ 46,00
Exemplar Avulso	Cz\$ 0,17

Os pedidos devem ser acompanhados de Cheque pagável em Brasília ou Ordem de Pagamento pela Caixa Econômica Federal — Agência PSCEGRAF, conta-corrente nº 920001-2, a favor do:

Centro Gráfico do Senado Federal

Praça dos Três Poderes — Caixa Postal 1.203 — Brasília — DF
CEP.: 70.160

Centro Gráfico do Senado Federal
Caixa Postal 07/1203
Brasília — DF

EDIÇÃO DE HOJE: 8 PÁGINAS

PREÇO DESTE EXEMPLAR: Cz\$ 0,17